

A tradução feminista na biografia e memória da ativista Anna Filossófova

Feminist translation in the biography and memory of activist Anna Filossófova

Ana Letícia Prado de Campos¹

Denise Regina de Sales²

Cleci Regina Bevilacqua³

RESUMO: A tradução desempenha um papel fundamental para a disseminação de teorias e práticas feministas, por isso, na interseção entre Estudos de Tradução e Estudos de Gênero, o objetivo deste artigo é destacar a importância da tradução para divulgar mulheres que não seriam conhecidas no Brasil se a tradução não atuasse como intermediária entre línguas e culturas. A proposta deste artigo é apresentar Anna Pávlovna Filossófova, ativista russa que teve um papel essencial na luta pela equidade de gênero no século XIX, na Rússia. Após, apresentaremos a tradução e a contextualização de uma carta escrita por ela, que foi destinada às organizadoras do Congresso de Mulheres de 1904, em Berlim; e a relacionaremos com os estudos de tradução feministas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução feminista; Memória; Ativismo; Tradução do russo.

ABSTRACT: Translation has a fundamental role in the dissemination of feminist theories and practices; therefore, at the intersection between Translation Studies and Gender Studies, this article aims to highlight the importance of translation to disseminate women who would not be known in Brazil if translation did not act as an intermediary between languages and cultures. The purpose of this article is to present the Russian activist Anna Pávlovna Filossófova, who played an essential role in the fight for gender equality in the 19th century in Russia. Afterwards, we will present the translation and contextualization of a letter written by her and addressed to the organizers of the Women's Congress in Berlin in 1904, relating it to feminist translation studies.

KEYWORDS: Feminist Translation; Memory; Activism; Translation from Russian; Anna Pávlovna Filossófova.

¹ Mestranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CAPES na linha de pesquisa de Estudos do Léxico e da Tradução. Bacharela em Letras, no curso Tradutor Português e Espanhol, da UFRGS. E-mail: analeticiacamposnh@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5594-8112>.

² Docente do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-UFRGS. Doutorado em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo (USP). Email: denise.sales@ufrgs.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5095-6340>.

³ Professora convidada do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS; doutora em Linguística Aplicada – Estudos do Léxico, pelo Instituto Universitário de Linguística Aplicada, Universidade Pompeu Fabra, Barcelona; bolsista de produtividade CNPq (Processo 305456/2021-0). cleci.bevilacqua@ufrgs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1002-9080>.

1 Introdução

A tradução desempenha um papel fundamental na disseminação do conhecimento, razão pela qual a tradução de materiais relacionados à vida de mulheres ativistas que contribuíram para a conquista da igualdade de gênero, independência e direitos das mulheres se torna essencial para conscientizar a sociedade sobre a importância da luta por igualdade social. Dessa forma, nossa intenção é apresentar os estudos sobre tradução com uma perspectiva feminista, demonstrando que a tradução pode ser uma aliada para os estudos de tradução feministas. A autora Olga Castro, uma das precursoras do assunto afirma:

Este percurso pelas interações entre feminismos e tradução inclui também o plano prático, isto é, a contribuição dos feminismos à compreensão do comportamento tradutório no processo pelo qual um texto em uma língua se transforma em outro texto em outra língua. (CASTRO, 2017, p.237).

Desse modo, a prática da tradução deve ser compreendida como um meio para facilitar o compartilhamento de conhecimento e, mais do que isso, como agente que promove mudanças e reflexões, contribuindo para ampliar os debates sobre questões políticas, econômicas, culturais e de gênero, temas que são fundamentais para a formação da sociedade (CASTRO, 2017). Sendo assim, tradutoras e tradutores também assumem uma responsabilidade diante de questões sociais, pois a tradução é uma ferramenta que possibilita compreensão, informação e acesso a conhecimento e materiais que poderiam ser inviabilizados devido às limitações geográficas e linguísticas.

Conforme Silva e Loguercio (2021), a tradução deve ser realizada de maneira consciente, pois tem implicações políticas, o que inclui considerar questões de representação, identidade cultural, poder e justiça social. De acordo com elas, essa abordagem ampla auxilia os profissionais da tradução a compreenderem o contexto social, político e cultural dos textos que estão traduzindo e ajuda a desenvolver uma postura mais reflexiva e com mais informação. Sendo assim, a importância de compreender e questionar as implicações políticas e ideológicas de seu trabalho permite que tradutoras/es

sejam agentes de mudança e desenvolvam suas traduções de forma mais consciente. Nas palavras das autoras:

[...] parece essencial, em primeiro lugar, que [a/o tradutora/tradutor] tome consciência do lugar que ocupa, do lugar que outros ocupam, de como se dão as relações interpessoais e interculturais em determinado contexto, para que identifique os discursos e as ideologias em jogo cada vez que enuncia algo, isto é, que seja um profissional crítico; em segundo, que possa contribuir, a partir do conhecimento que produz e que ajuda a produzir, com ações emancipatórias, tornando-se um profissional engajado. (SILVA; LOGUERCIO, 2021, p. 03).

A execução de uma tradução realizada de forma consciente faz com que profissionais da área de tradução contribuam significativamente para os avanços de importantes debates na sociedade. Baker (2018) aborda o papel dos tradutores como agentes de mudança social, enfatizando que as tradutoras/es têm o poder de selecionar e divulgar textos com temas políticos e sociais. Ela discute a importância da tradução como uma prática política e como um meio de resistência e transformação social. Ressalta ainda que a tradução é mais do que apenas um processo de transferência de um texto de uma língua para outra, pois envolve questões de poder, representação e diferença cultural.

A autora afirma que através da tradução é possível ampliar o acesso a diferentes perspectivas e culturas, pois a tradução não é apenas uma atividade técnica, mas uma prática política que pode contribuir para a descolonização do conhecimento e para a promoção da justiça social. A autora enfatiza a necessidade de considerar as implicações éticas de cada decisão tradutória, levando em conta questões como a representação cultural e a importância de evitar a reprodução de estereótipos e preconceitos. Baker afirma que:

[...] defendo que a tradução não media encontros culturais que existem fora de seu âmbito, mas sim participa na produção destes encontros. A tradução não reproduz textos, mas constrói realidades culturais ao intervir no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros e que essencialmente constrói o mundo para nós. Não se trata de um ato inocente de mediação desinteressada, mas um importante meio de construir identidades e configurar os moldes de qualquer encontro. (BAKER, 2018, p. 340).

Dessa forma, com base na ideia de narração a renarração, utilizamos a tradução para relatar a história de uma ativista russa que teve sua história apagada em seu país e no Brasil é pouco conhecida. A partir desta constatação, decidimos traduzir uma carta escrita por Anna Pávlovna Filossófova, que junto com outras mulheres lutou pela igualdade de direitos e pela emancipação feminina. Em 1904, essa carta foi destinada ao congresso de mulheres em Berlim porque Anna Filossófova não pôde participar do evento. Além disso, escolhemos traduzir um material produzido por uma mulher para contribuir na divulgação da tradução de mulheres, do movimento feminista e das questões de gênero. Antes, no entanto de trazer a tradução da carta propriamente dita, apresentamos um breve panorama dos Estudos de tradução feministas, as razões que motivaram a tradução da carta e a contextualização histórico-social em que foi escrita.

2 Estudos de tradução feministas

Os estudos de tradução feministas são um campo de estudo que examina as questões de gênero. Esta abordagem visa analisar como o gênero afeta a prática de tradução e o impacto das escolhas tradutórias. A perspectiva da tradução feminista destaca a importância de questionar as hierarquias de gênero existentes na sociedade e desafiar os estereótipos de poder que muitas vezes são reproduzidos na tradução. Essa perspectiva desempenha um papel fundamental na problematização das práticas de tradução, questionando as escolhas realizadas e os critérios adotados para sua realização. Bassnett defende que:

A introdução das questões de gênero à tradução nos convida a considerar as implicações reais do encontro de quem traduz com o texto fonte e qual tipo de combinação entre os textos fonte e alvo resulta desse encontro. Se nós aceitamos que a/o tradutor/a não é, e nunca poderia ser, um filtro transparente pelo qual um texto passa, mas sim uma fonte muito potente de energia criativa transicional (e esta é a premissa fundamental das/os teóricas/os dos Estudos da Tradução), pensar em termos de gênero, portanto, eleva a consciência das complexidades textuais nos papéis de quem escreve e de quem lê. (BASSNETT, 2020, p. 467).

Desse modo, discutir as questões de gênero se torna essencial para que tradutoras e tradutores desenvolvam uma consciência crítica ao (re)criar o texto traduzido. No artigo intitulado *Características de gênero do tradutor e seu papel interpretativo na teoria e prática da tradução literária* (LEONTIEVA, 2015, tradução nossa)⁴, a autora russa Kseniia Ivanovna Leontieva aborda a questão da influência do gênero no processo de tradução e na transformação do significado do texto original. Ela ressalta como as características de gênero, experiências pessoais e visão de mundo podem afetar a abordagem e interpretação durante a tradução. Para ela, o gênero de quem traduz influencia a escolha de palavras, o tom, o estilo e até mesmo a compreensão dos temas e mensagens do texto original.

Além disso, ela destaca que os papéis desempenhados por profissionais da tradução são interpretativos e ativos na recriação de uma obra, transmitindo as nuances culturais, emocionais e ideológicas presentes no texto original. A autora argumenta que é fundamental considerar as questões de gênero ao analisar uma tradução e compreender sua influência nos textos literários. Leontieva ressalta a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva em relação às questões de gênero na teoria e prática da tradução literária. Isso inclui a conscientização sobre estereótipos de gênero, a representação de personagens femininas e a promoção de uma tradução inclusiva que respeite as diversas vozes e identidades de gênero presentes na obra original. Conforme a autora afirma:

[...] os estereótipos de gênero, como produto de uma consciência coletiva, são concebidos, no entanto, exclusivamente através da perspectiva da experiência pessoal de cada indivíduo (do autor, de cada novo receptor dos textos da Língua de partida e da Língua de chegada da tradução), ou seja, de certa forma são modificados em relação aos estereótipos culturalmente condicionados criados pela consciência coletiva. (LEONTIEVA, 2015, p. 56, tradução nossa).⁵

⁴ No original: ЛЕОНТЬЕВА, И. Ксения. Гендерные стереотипы, будучи продуктом коллективного сознания, осмысливаются все же исключительно сквозь, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gqM18>. Acesso em: 20 mai. 2023.

⁵ No original: [...] гендерные стереотипы, будучи продуктом коллективного сознания, осмысливаются все же исключительно сквозь призму личного опыта каждого индивида (автора, каждого нового реципиента текста ИЯ и ЯП, переводчика), т.е. в определенной степени в модифицированном виде относительно культурно обусловленных, созданных коллективным сознанием стереотипов.

Leontieva enfatiza a importância de realizar pesquisas mais aprofundadas sobre as questões de gênero no contexto teórico e prático russo e aponta a necessidade de uma maior atenção a essa temática, a fim de enriquecer a compreensão e a prática da tradução literária, levando em consideração as complexidades das relações de gênero. Ela informa que apesar de essa questão estar sendo discutida nos Estudos de Tradução Ocidentais, isso tem sido amplamente ignorado dentro do paradigma russo, o que tem prejudicado os avanços da tradução literária, principalmente a contemporânea e feminina, trazendo um impacto negativo para as práticas de tradução. Por isso, se faz necessário discutir a influência dos estudos de tradução feministas para instigar traduções de autoria feminina em localidades que esse tema ainda é estigmatizado.

Nesse contexto de interações entre gênero e tradução, é importante mencionar o aspecto prático, ou seja, a contribuição dos feminismos para a compreensão do comportamento tradutório no processo de transformação de um texto de uma língua para outra. Além disso, podemos analisar em que medida a tradução tem contribuído para a expansão do movimento feminista ao redor do mundo, ao promover o contato entre diferentes metodologias que antes eram desconhecidas. Assim, a tradução desempenha um papel fundamental na expansão e fortalecimento do movimento feminista em escala global. (CASTRO, 2017).

Para Castro, a tradução com enfoque feminista visa ampliar a compreensão sobre as influências culturais, bem como outros marcadores sociais que estão além do gênero, como classe, raça, orientação sexual. Essa abordagem inclui a análise de estratégias de tradução que buscam preservar ou desafiar as representações de gênero presentes nos textos originais; pode examinar como a tradução contribui para a visibilidade e o reconhecimento de textos de autoria feminina, que historicamente foram negligenciados; e trazer à tona obras excluídas do cânone literário devido a preconceitos de gênero. Assim, ao dar visibilidade a essas autoras, a tradução feminista contribui para uma representação mais diversificada e inclusiva na literatura. Dessa forma, promove uma consciência crítica sobre as implicações de gênero, incentiva uma tradução

mais inclusiva e fomenta a reflexão sobre as relações de poder e as desigualdades de gênero na sociedade. Nesse sentido, Castro e Spoturno defendem que:

Os feminismos convocam uma perspectiva crítica e plural para pensar, sentir, estar e agir no mundo, uma vez que constituem posições que buscam transformar a estrutura da sociedade para alcançar uma vida mais justa para todas as pessoas, independentemente de suas identidades sexuais e de gênero. Contribuem assim com todas as disciplinas científicas e campos do saber, incluindo áreas de sistematização recente, como os estudos da tradução ou tradutologia, isto é, o exame sistemático de distintos aspectos relacionados com a teoria, o ensino e a prática da tradução. As teorias feministas são retomadas em um número crescente de reflexões analíticas e propostas de intervenção sobre o fenômeno da tradução, as quais, vistas em seu conjunto, nos permitem falar dos estudos feministas como uma área dentro dos estudos da tradução. (CASTRO; SPOTURNO, 2022. p.03).

As autoras enfatizam a importância de levar em consideração as experiências e as perspectivas das mulheres em diferentes contextos culturais, bem como a necessidade de ampliar a visibilidade e a representatividade das vozes feministas por meio das traduções. Ambas propõem a discussão sobre a tradutologia feminista transnacional, que traz a ideia de transcender as fronteiras nacionais e eliminar as limitações e restrições impostas por barreiras geográficas e linguísticas.

Castro (2017) defende que é imprescindível transformar a tradução em uma prática que transcenda os limites de fronteiras entre línguas, países e culturas, para contribuir na criação de pontes entre o movimento feminista e a tradução feminista. No entanto, destaca que não há uma definição única e nem universal sobre a tradução feminista que possa abranger todas as questões políticas, econômicas, sociais, linguísticas e culturais, pois vivemos em um planeta com muitas diversidades. Ela ressalta a importância de se levar em consideração as questões de gênero e poder durante o processo de tradução, destacando a necessidade de uma abordagem feminista transnacional que reconheça as diferentes experiências e perspectivas das mulheres em todo o mundo. Os estudos feministas transnacionais da tradução são um campo de pesquisa que abordam as interseções entre o feminismo e a tradução. Essa abordagem visa compreender como as ideias feministas são traduzidas e circulam através de diferentes culturas, línguas e fronteiras geográficas.

Conforme Castro (2017) argumenta, a tradução desempenha um papel crucial na disseminação e na transformação das ideias feministas em diferentes contextos culturais e geográficos e destaca que as práticas de tradução são influenciadas por uma série de fatores, como poder, hierarquia, colonialismo e ideologias patriarcais, que podem impactar tanto a forma quanto o conteúdo das traduções elaboradas a partir de um viés feminista. Além disso, ela reconhece que a tradução é um processo que ocorre dentro de relações de poder, onde questões de gênero, classe, raça, etnia e outras formas de opressão estão interligadas. Desse modo, busca examinar o papel da tradução na disseminação e na transformação das teorias, conceitos, práticas feministas e como as traduções podem afetar tanto o conteúdo quanto a forma das ideias feministas, levando em consideração os aspectos políticos, sociais e culturais envolvidos. Castro e Spoturno afirmam que:

[...] a formulação de uma perspectiva feminista transnacional permite articular e explicar os fatores linguístico-discursivos, socioculturais, geo/gltopolíticos e interseccionais que atravessam, necessariamente, cada exercício prático da tradução e cada reflexão metodológica sobre a tradução, sem limitar sua enunciação e aplicação a um tipo de feminismo particular, nem a um tipo ou modo de tradução determinado. (CASTRO; SPOTURNO, 2022, p. 22)

Ambas as autoras argumentam que os estudos feministas transnacionais da tradução também examinam as relações de poder presentes nas práticas de tradução e buscam identificar formas de resistência e de transformação dentro dessas relações. Dessa maneira, buscam contribuir para a compreensão das dinâmicas complexas entre gênero, tradução e poder, promovendo uma perspectiva crítica e inclusiva na análise da prática da tradução no contexto feminista e as dificuldades e desafios enfrentados pelos estudos feministas transnacionais.

Segundo Castro (2017) é necessário discutir a falta de visibilidade das tradutoras mulheres e a necessidade de uma análise crítica das estruturas de poder presentes na prática da tradução. Dessa maneira, a tradução deve ser vista como um meio que possibilita compartilhar conhecimentos e promover mudanças no modo de pensar as escolhas tradutórias e na recepção dessas traduções, de maneira que contribua para ampliar debates sobre questões

políticas, culturais e de gênero, que são temas fundamentais para a formação da sociedade. Com isso, tradutoras e tradutores assumem uma responsabilidade em relação às questões sociais, pois a tradução é uma ferramenta que possibilita compreensão, informação e acesso ao conhecimento.

Em contextos feministas, a tradução desempenha um papel crucial ao trazer vozes e perspectivas de diferentes culturas e línguas para o diálogo. Assim, desempenha um papel fundamental, permitindo a troca de conhecimentos e experiências entre culturas e ampliando a compreensão das questões de gênero em nível global. Dessa forma, as traduções feministas atuam como agentes de transformação que criam espaços para a amplificação das vozes das mulheres e desafiam as estruturas de poder perpetuadas pelas desigualdades de gênero. A autora Patricia Hill Collins afirma o seguinte sobre a tradução:

Primeiro, a tradução é central para a práxis feminista. Indivíduos que servem como tradutores/as não apenas interpretam os significados variantes através de cenários sociais, políticos e intelectuais diferentes: eles/as criam novo conhecimento em espaços fronteiriços. (COLLINS, 2019, p. 26).

Collins destaca a importância de considerar a dimensão ética da tradução e como ela pode ser usada como uma ferramenta para promover mudanças sociais e desafiar as estruturas de poder. Ela destaca o papel da tradução como uma prática de ativismo intelectual, capaz de criar diálogos interculturais e desafiar desigualdades. Ao refletir sobre as implicações éticas e políticas da tradução, ela instiga a considerar o potencial transformador da tradução na luta por justiça social e igualdade. Para a autora, a tradução é um processo dinâmico que envolve a transferência de significados, conceitos e nuances culturais de um idioma para outro. Nesse processo, as ideias originais são moldadas e adaptadas para se adequarem à nova língua e ao contexto cultural.

Portanto, é nesse diálogo entre línguas e culturas que as ideias podem ser ressaltadas mutuamente. Compartilhar ideias, por meio da tradução, é um ato colaborativo que requer sensibilidade e abertura para o diálogo intercultural. É por meio da tradução que diferentes perspectivas podem ser compartilhadas e ampliadas, promovendo a compreensão mútua e a diversidade cultural. A autora fala sobre os espaços de tradução como mais do que meros canais de transmissão de informações: são locais de encontro e intercâmbio, onde as ideias têm a

oportunidade de se expandir e de se tornarem parte de um diálogo universal. Assim, o espaço da tradução é um espaço vivo e dinâmico, onde as ideias ganham vida e interagem umas com as outras, possibilitando a criação de pontes e a promoção de um diálogo intercultural.

Pela tradução, podemos ampliar nosso entendimento do mundo e construir conexões significativas entre pessoas e comunidades, permitindo que as ideias se expandam além das fronteiras linguísticas. Desse modo, traduzir a carta do início do século XX, de uma ativista russa, contribui para dar visibilidade aos primeiros movimentos feministas na Rússia. Então, fazer com que o feminismo seja conhecido por meio da tradução também é uma forma de contribuição para a divulgação das teorias, dos movimentos e das ações feministas.

O enfoque feminista tem possibilitado diálogos e transformações no modo de pensar o movimento feminista e a tradução, sendo essencial para a disseminação das teorias feministas, posto que influencia os avanços sobre as discussões de gênero e teorias feministas dos quais emergem reflexões e propostas de intervenções sobre a tradução de autoria feminina. Em consequência, nos auxilia a refletir e a construir uma sociedade mais consciente sobre a importância de discutir essas temáticas. São essas as razões que nos levaram a traduzir uma mulher para demonstrar que é possível aliar a tradução com as práticas e teorias feministas.

3 Quem foi Anna Filossófova?

Anna Pavlóvna Filossófova, precursora do movimento feminista russo, foi uma das líderes ativistas do movimento de mulheres. Nascida em 5 de agosto de 1837, em São Petersburgo, tinha como nome de batismo Anna Pavlóvna Diagiliêva. Ela recebeu uma educação doméstica clássica e aprendeu alemão e francês, dedicou a vida para as lutas pela emancipação das mulheres e exerceu diversas atividades filantrópicas. Filossófova lutou ferrenhamente pelos direitos das mulheres até a sua velhice. Ela desempenhou um papel muito importante no ensino e alfabetização de mulheres e crianças, participou de congressos que

visavam o sufrágio feminino, e o engajamento dela contribuiu para a conquista do ensino superior para as mulheres. As autoras Haan, Daskalova e Loutfi afirmam o seguinte sobre Filossófova:

Filossófova acreditava que além de dar ajuda ou benefícios aos necessitados, era imprescindível criar condições que permitissem às pessoas — através da educação, capacitação e desenvolvimento moral — ganharem a sua própria renda. (HAAN; DASKALOVA; LOUTFI, 2006, p. 136, tradução nossa)⁶.

Em 1860, Filossófova, Maria Trúbnikova e Nadiéjda Stássova fundaram a Sociedade de Entrega de Apartamentos Acessíveis e Outros Benefícios para Residentes Necessitados de São Petersburgo. Filossófova presidiu a instituição de 1861 a 1863 e 1867 a 1879. A finalidade da instituição era abrigar crianças, viúvas e demais mulheres. Então, foram criadas oficinas de costura para que as mulheres tivessem uma profissão, escolas para alfabetizar as pessoas abrigadas nos apartamentos, também foram organizadas cantinas no local. Em 1863, foi uma das responsáveis pela fundação da Sociedade de Tradutoras - Artel Editora de Mulheres, primeira editora de mulheres, que foi criada com o objetivo de proporcionar renda para suas integrantes.⁷

Em 1867, Filossófova organizou uma petição em que as mulheres exigiam a abertura de cursos superiores para mulheres na Universidade Estadual de São Petersburgo. No entanto, a ideia não foi bem recebida. Elas apenas conseguiram a permissão para assistir às palestras dentro das universidades. Somente em 1878, o acesso ao ensino superior foi concedido às mulheres. Apesar da luta para a implementação ter sido protagonizada pelas mulheres, infelizmente os cursos levaram o nome de Curso de Bestujiev, em homenagem ao primeiro diretor, o professor Konstantin Nikolaievitch Bestujiev-Riumin. No mesmo ano, Filossófova criou a Sociedade de Doação de Fundos para os Cursos Superiores de Mulheres, que visava arrecadar valores para que o curso fosse mantido. A

⁶ No original: Filossofova believed that instead of giving relief or cash benefits to the needy, it was necessary to create conditions that would enable the poor—through education, training and moral development—to earn their own incomes.

⁷ Informações extraídas do site russo LiveJornal. 21 de fev. 2010. Анна Павловна Философова. Россия, 2010. Disponível em <<https://ljwanderer.livejournal.com/26083.html>>. Acesso em 02 de jun. 2023.

inauguração do curso superior foi cercada de muitas dificuldades, e o principal financiamento veio dessa instituição que era gerenciada por Stásova.⁸

Em 1879, por ordem de Alexandre II, Filossófova foi exilada no exterior, por suspeita de participação no movimento revolucionário e por ajudar familiares de pessoas que haviam sido condenadas pelo regime tsarista. Em 1881, após a morte do tsar, ela retornou à Rússia. Em 1892, se uniu ao Comitê de São Petersburgo para o Desenvolvimento da Alfabetização e criou uma biblioteca. Em 1895, fundou a Sociedade de Solidariedade Mútua de Mulheres Russas. Em 1908, Filossófova foi presidente do primeiro Congresso Feminino Russo, em São Petersburgo. Após o congresso, ela recebeu cartas depreciativas e as tornou públicas; assim, conseguiu que seu autor, o deputado Vladimir Purichkievitch fosse condenado a um mês de prisão (RUTHCHILD, 2010, p. 137).

Filossófova contribuiu grandemente para a conquista de melhorias não apenas para mulheres, mas também para crianças, camponeses e todas as pessoas que encontrou no decorrer de sua vida. Assim, ela deixou um legado de feitos admiráveis. Ela faleceu no dia 17 de março de 1912, aos 76 anos, em São Petersburgo, mas apesar disso, suas memórias ainda se fazem presentes.

4 Contextualização da carta

A carta, escrita em 1904, se encontra no primeiro volume das *Memórias de A. P. Filossófova 1837-1912*, que é um compilado sobre a vida de Anna Filossófova.⁹ O livro foi escrito por Ariadna Vladímirovna Tirkóva-Williams, em 1915, e publicado na cidade de Petrogrado, atual São Petersburgo. Tirkóva-Williams foi escritora, jornalista, memorialista, crítica literária e ativista. No artigo *A transformação psicológica da mulher ao longo dos últimos cem anos*,

⁸ Informações extraídas do site russo: СЕВЕРЮХИН, Дмитрий Яковлевич. ФИЛОСОФОВА, Анна Павловна. Энциклопедический словарь. Санкт-Петербург. Disponível em <http://www.encycl.ru/object/2830278024?lc=ru>. Acesso em 02 de jun. 2023.

⁹ Tradução nossa. O nome original do livro em russo é Памяти А.П. Философовой 1937-1912. Петроград, 1915. [Pamiati A.P. Filossofovoi 1937-1912, Petrograd, 1915]. Disponível em: <https://viewer.rsl.ru/ru/rsl01004182882?page=147&rotate=0&theme=white>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ela escreveu: “O movimento das mulheres, que intensifica em nós instintos de solidariedade e senso de comunhão dos interesses humanos, às ensina não somente a reivindicar e defender seus direitos, mas também a respeitar os direitos alheios” (TIRKÓVA-WILLIAMS *apud* SCHNEIDER, 2017, p. 145). Tirkóva-Williams foi uma defensora do movimento das mulheres, lutou pela igualdade de direitos entre os gêneros e foi integrante da União das Mulheres e da Liga da Igualdade de Direitos das Mulheres (SCHNEIDER, 2017).

A ideia de publicar um livro sobre Anna Filossófova surgiu em 1912, no círculo de suas amigas, pouco depois da morte da ativista. Aos poucos se formou um comitê para elaboração do projeto que, inicialmente, se restringia a uma biografia de 20 a 25 páginas. Com o tempo, diante do grande volume de materiais e informações, essas poucas páginas se transformaram em dois volumes, cuja publicação, obviamente, excedeu o prazo estabelecido no início.

O primeiro volume é composto de dezenove capítulos, dispostos em 476 páginas. A carta traduzida neste artigo se encontra no Capítulo 17 (p. 402-423), com o título *O movimento de emancipação*, constituído dos seguintes temas (listados como subtítulos): *A demonstração de Kazan, Os 25 anos dos cursos superiores, A guerra do Japão, A carta de Anna Pávlovna ao Congresso de Mulheres de Berlim, Zona de recuo, O nove de janeiro, O Comunicado das moscovitas, Rescritos e manifestos, Os dias de outubro, Partidos e estados de espírito, Viagem ao exterior*.

Ao apresentar a carta de Filossófova, Tirkóva-Williams fez uma breve introdução dos acontecimentos que estavam ocorrendo na Rússia e também incluiu a pessoa a quem a carta foi destinada. O conhecimento dos acontecimentos se torna indispensável para compreender o contexto em que ela foi escrita. Anna Filossófova, aos 67 anos, escreveu a carta para o congresso de mulheres em Berlim. Na carta, ela enaltece com grande admiração as mulheres ativistas que organizaram o congresso, demonstrando o quanto lamenta não poder estar presente. O congresso ocorreu em junho de 1904, e nele foram abordados quatro tópicos principais: educação, serviços sociais, posição das mulheres (particularmente o direito ao voto), profissões e oportunidades de emprego disponíveis para as mulheres.

O congresso resultou na criação da Aliança Internacional das Mulheres e contou com a presença de Mary Church Terrel, uma das primeiras mulheres negras a se graduar nos Estados Unidos, conhecida por lutar contra a discriminação racial, pelo sufrágio das mulheres negras e por fundar a Associação Nacional de Mulheres Negras em 1896. Ela foi uma das pioneiras nas discussões sobre o feminismo negro e era fluente em francês, alemão e italiano, e foi a única mulher negra a participar e falar no congresso de Berlim. (MICHALS, 2017).

A carta de Anna Filossófova foi destinada à Marie Stritt¹⁰, importante ativista alemã, que lutava pelos direitos das mulheres e pelo sufrágio feminino na Alemanha. Além disso, foi uma das responsáveis pela criação da Aliança Internacional das Mulheres, uma organização não governamental internacional fundada em 1904 e que, até hoje, promove os direitos humanos das mulheres e a igualdade de gênero.

Na carta, Anna Filossófova cita o motivo que a impediu de participar do congresso: a razão de sua ausência foi a Guerra da Manchúria, conflito entre a Rússia e o Japão, ocorrido na região da Manchúria, atualmente localizada no nordeste da China, de 1904 a 1905. A invasão da região ocorreu devido a intenção de ambos os países em obter o controle da Manchúria, da Coreia e dos portos Arthur e Dalniy situados no nordeste asiático. O impasse entre os países enfraqueceu o regime político tsarista, que, apesar das tentativas de acordo diplomáticos, não obteve resultado, levando os japoneses a enfrentarem os russos até derrotá-los.

4.1 Acontecimentos entre 1904 e 1905

Na virada do século XIX para o XX, período de atuação de Filossófova em sua velhice, a Rússia estava passando por diversas transformações sociais, políticas e econômicas. Foi nesse período que a carta de Filossófova foi escrita. O governo da época era caracterizado pela repressão política, censura e falta de

¹⁰ Não há informações sobre Marie Stritt em português, o que demonstra que talvez ela ainda não seja conhecida pelo público brasileiro. Mais informações sobre ela podem ser lidas no site: TRENFO. Marie Stritt, 2022. Disponível em: <<https://www.trenfo.com/en/history/biographies/marie-stritt-4>>. Acesso em: 4 mai. 2023.

liberdades aos civis; além disso, a oposição política era severamente reprimida. No início do século XX, a Rússia enfrentava sérios problemas sociais e econômicos. Esses fatos serviram para impulsionar a revolta popular conhecida como a Revolução Russa de 1905. As greves e manifestações em massa exigiam melhores condições de trabalho e reformas políticas. Embora a revolta tenha sido duramente reprimida pelo governo, ela mostrou a insatisfação popular e sinalizou o crescente desejo por mudanças, incentivando o avanço das ideias revolucionárias no país.

Após a perda do exército russo para o exército japonês, a Rússia passou por muitas dificuldades, pois enfrentava conflitos internos devido à insatisfação da população gerada pela guerra. Entre o fim de 1904 e 1905, as consequências da guerra como a falta de alimentos, de mão de obra e de recursos resultaram em uma série de protestos iniciados por operárias, camponesas e domésticas. As mulheres se tornaram conscientes da exclusão, opressão e da ausência de direitos que viviam, já esgotadas das condições a que eram submetidas, elas perceberam que deveriam se pronunciar e fizeram isso através de protestos.

Nesse período, houve uma onda de manifestações, greves, motins e protestos iniciados por mulheres, nos quais elas exigiam a redução da jornada de trabalho, aumento de salário, assistência para gestantes, assistência para os casos de doenças ou desemprego e tratamento humanizado por parte das fábricas e indústrias. Inicialmente, as trabalhadoras se uniram às feministas burguesas. No entanto, as reivindicações delas eram distintas e houve divergências entre elas, isso fez com que elas se distanciassem. Enquanto as operárias estavam nas fábricas, vivendo sob severas condições de trabalho, onde tinham que suportar a extensa e exaustiva jornada laboral, falta de direitos e tratamento desigual, as feministas burguesas, por sua vez, apresentavam demandas que não contemplavam o sofrimento das trabalhadoras (KOLLONTAI, apud SCHNEIDER, 2017, p. 197).

Em 1905, as feministas burguesas deram início à primeira convocação de manifestações feitas para as empregadas, porém, assim como as trabalhadoras das fábricas, as empregadas tinham suas próprias demandas e passaram a organizar seus próprios movimentos, fazendo greves, protestos e agitações. A mobilização iniciada pelas empregadas ficou conhecida como *movimento das*

criadas, a partir disso, cozinheiras e lavadeiras se uniram a elas. Kollontai afirma o seguinte sobre esse movimento:

Entretanto, quando a União pela Igualdade das Mulheres tentou organizá-las à sua maneira, isto é, tentou criar uma união mista e idílica das senhoras contratantes e das empregadas domésticas, estas últimas voltaram-se contra as feministas burguesas e, para o desgosto das madames, foram “às pressas organizar o partido da sua própria classe e seus sindicatos específicos”. Tal era a situação em Moscou, Vladímir, Penza, Kharkov e outras cidades. O mesmo destino teve outra organização política feminina mais à direita, o Partido Progressista Feminino, que tentou organizar as empregadas domésticas sob a vigilância atenta das patroas. O movimento das criadas ultrapassou os limites destinados a ele pelas feministas. Basta folhear os jornais de 1905 para ver que estão repletos de relatos sobre as manifestações abertas das empregadas domésticas, até em cantos mais distantes da Rússia. Essas agitações tomavam forma ora de greve, ora de protesto de rua. As cozinheiras, lavadeiras e criadas entravam em greve por categoria e se uniam sob o nome comum de “criadagem”. Contagiantes, esses protestos se espalhavam de um lugar para outro. Normalmente, as exigências das trabalhadoras eram: redução da jornada de trabalho para oito horas diárias, estabelecimento do salário mínimo, condições de moradia mais toleráveis para as criadas (um quarto separado), tratamento educado por parte dos empregadores e assim por diante. (KOLLONTAI, apud SCHNEIDER, 2017, p. 197-198).

As camponesas acabaram aderindo aos protestos e iniciaram o movimento que ficou conhecido como *motins das bábas*. A palavra *bába* é usada para se referir às mulheres que faziam parte dos motins e que não pertenciam à aristocracia russa. O significado da palavra *bába* em dicionários russos é registrado de forma depreciativa, como mulheres camponesas, em geral casadas, barulhentas, rudes, desarrumadas, de origem simples e sem instrução. As definições mostram o preconceito que as mulheres camponesas sofriam.

As camponesas queriam notícias dos filhos, maridos, irmãos, pais e também uma pensão das instituições públicas, já que estavam esquecidas, tendo somente sua própria força para sobreviver e realizar as atividades no campo. No entanto, sem obter nenhuma assistência, elas se revoltaram contra essas instituições e começaram a invadir os departamentos militares e policiais para libertar soldados que estavam de reserva e expulsar os militares. Elas levavam o que tinham, rastilhos, forquilhas e vassouras, eram suas armas contra a força militar masculina. Kollontai afirma o seguinte:

O fim de 1904 e todo o ano de 1905 foi um período de incessantes “motins das bábas”. A guerra no Japão deu o impulso inicial. Todos os horrores,

dificuldades, todo o mal social e econômico associado a esse lamentável conflito foram carregados como um fardo pesado pelas mulheres camponesas, esposas e mães. O recrutamento dos soldados de reserva colocou sobre seus ombros já sobrecarregados o dobro do trabalho, e elas, dependentes e apavoradas com tudo que estava além dos interesses da sua casa, de repente se viram forçadas a encarar as forças hostis e desconhecidas, sentir todas as humilhações decorrentes da falta de direitos, experimentar até o fundo a amargura de mágoas injustas [...] (KOLLONTAI, apud SCHNEIDER, 2017, p. 198).

No verão de 1905, um ano após a carta de Anna Filossófova, houve uma sequência de *motins das bábas*. Além de carregar o fardo da guerra, elas ainda tinham que conviver com o abandono a que foram submetidas. Os motins foram a maneira que encontraram de se posicionar para defender seus interesses, porém, por causa da conduta delas foram presas, julgadas e condenadas, mas isso não foi suficiente para que parassem os motins. A partir dos motins, os camponeses passaram a aderir aos protestos. Esse período foi marcado por diversas revoltas agrárias e reivindicações das mulheres em vários lugares da Rússia.

Nesse cenário de insatisfação, greves, motins e protestos, a população reivindicava melhorias sociais. No dia 09 de janeiro de 1905, uma manifestação pacífica foi realizada em São Petersburgo, a fim de apresentar uma petição que exigia do tsar Nicolau II reformas sociais, salários justos e melhorias laborais. A mobilização ocorreu em frente ao Palácio de Inverno, residência oficial do tsar, e foi liderada pelo padre Gueórgui Gapon. A intenção era apresentar as demandas pacificamente; no entanto, ao invés de ouvir a petição, o tsar ordenou uma forte repressão ao movimento. Quando a multidão se aproximou do palácio foi massacrada pelas tropas armadas. Esse episódio ficou conhecido como Domingo Sangrento, episódio no qual centenas de pessoas foram mortas e feridas brutalmente. A mobilização foi reprimida violentamente pelo governo, o que causou um impacto significativamente negativo na história russa. O tsar passou a ser chamado de *Nikolai, o Sangrento*. A notícia do massacre se espalhou rapidamente, aumentando ainda mais a insatisfação popular com as condições de vida e trabalho (EGOROV, 2020)

A extrema violência deixou a sociedade russa em estado de indignação, fazendo com que os protestos, greves, revoltas e ocupações em fábricas se intensificassem em todo o país. Esse cenário extremamente caótico contribuiu

para o surgimento da Revolução de 1905, que foi marcada por uma sequência de insatisfações e resistências ao governo. Diante dessas circunstâncias, para diminuir as tensões, o tsar foi obrigado a criar uma assembleia legislativa, que foi chamada de Duma¹¹, e o Manifesto de Outubro, também chamado de Manifesto de 17 de outubro por causa do dia em que foi criado¹². O manifesto apresentava liberdades básicas aos civis, como liberdade de expressão, reuniões, associações, estabelecimento de partidos políticos e formação de sindicatos. Apesar dessas concessões, o Manifesto de Outubro foi considerado insuficiente e o tsar ainda detinha o controle das decisões políticas. Além disso, o manifesto não abordou questões fundamentais que causaram a Revolução de 1905, como de distribuição de renda e de terras, as desigualdades sociais e a ausência das reformas trabalhistas exigidas, fazendo com que as tensões ainda permanecessem. A Revolução de 1905, acabou servindo de combustível para revoluções futuras, o descontentamento da população gerou a ampliação dos movimentos revolucionários que resultaram na Revolução de 1917, que derrotou o regime czarista.

4.2 Tradução e comentários sobre a carta

Após a contextualização dos acontecimentos históricos da Rússia no início do século XX, apresentamos abaixo a tradução da carta, que se encontra no livro de memórias de A. P. Filossófova, capítulo XVII (p. 408-409), com a introdução feita por Ariadna Tirkóva:

Chega um tempo em que a vida pessoal de Filossófova se mescla como uma onda súbita pública, inevitavelmente refletindo toda a sua transição, e as cartas de Anna Pávlovna se tornam como uma crônica descontínua.

¹¹ A palavra *Duma* também pode ser traduzida como parlamento; ela vem do verbo russo думать [dumat], que significa *pensar* em russo.

¹² Informações extraídas do site russo:

Октябрьский манифест. 28 de mai. 2019. Disponível em: <https://historynotes.ru/oktyabrskiy-manifest/>. Acesso em: 26 mai. 2023.

A guerra da Manchúria, difícil, mal sucedida e impopular, preocupa Anna Pávlovna, e a enche de ansiedade, tristeza e horror. A sua carta às organizadoras do Congresso das Mulheres, que seria realizado no verão de 1904 em Berlim, é muito peculiar. Anna Pávlovna, como representante da Rússia, preparou um relato detalhado, mas não compareceu, porém enviou a seguinte carta à Sra. Stritt.

"Minha decisão de ir a Berlim para participar das reuniões do Conselho Internacional das Mulheres e do Congresso foi motivada por minha ardente simpatia pela ideia de unir todas as mulheres em nome das melhorias da sua situação econômica e civil, que, acredito firmemente, deve elevar o nível de felicidade humana e implementar na vida ideais morais mais elevados.

O princípio fundamental do Conselho Internacional das Mulheres, que se exprime no desejo de servir ao próximo, seja quem for, me é particularmente precioso, uma vez que une todas as mulheres para um ativismo pacífico, cheio de amor, de tolerância e de boa vontade.

Tomada de simpatia e admiração por esse desejo, eu me alegrei com a possibilidade de conhecer em breve as respeitáveis representantes desse movimento, que também na Rússia atrai um número crescente de simpatizantes; iminentemente, apressei-me com alegria, apesar da minha idade, para fazer a peregrinação a Berlim para trazer ao Conselho Internacional das Mulheres e às mulheres da Alemanha as saudações das suas irmãs russas que seguem e simpatizam com suas conquistas. Já havia tomado todas as providências necessárias e até reservei uma hospedagem em Berlim.

Agora tenho dúvidas e questionamentos que arruinaram completamente meus planos e me privam da possibilidade de participar do Congresso de Berlim. Minhas dúvidas foram causadas pela guerra que está acontecendo em meu país, o que é sempre um grande infortúnio para ambas as partes em conflito. Neste momento, quando o sangue humano é derramado em abundância e as lágrimas das mulheres fluem ainda mais profusamente, nesta hora, repito, é muito preciosa toda e qualquer manifestação que estabeleça vínculos entre os interesses humanos em comum, em defesa dos quais, acredito, devem se manifestar todos

os encontros internacionais de pessoas que buscam o bem da humanidade, e entre esses encontros eu incluo os congressos de mulheres.

As participantes devem ter certeza de que receberão no congresso a mesma cortesia e atenção que todas as demais e que nenhuma tendência nacionalista poderá violar as exigências de igualdade e imparcialidade. Se a ideia de irmandade entre as nações é cultivada, então não seria óbvio agir a seu favor de modo especialmente evidente, principalmente quando ela é pisoteada por circunstâncias fatais ou fortuitas? Não deveriam os amigos do progresso pacífico serem exemplo de imparcialidade e sensibilidade?

A julgar pelas notícias dos jornais e outros rumores que chegam até nós, nos entristece ver que até mesmo representantes da intelligentsia dos partidos liberais na Alemanha não podem se abster dessas manifestações, que suscitam hostilidade nacional e adiam ainda mais, esse prazo tão distante, a irmandade das nações. Nós, russas e russos, agora sobrevivemos às páginas sombrias e demasiadamente tristes da nossa história, para não necessitarmos de compaixão e sensibilidade? E, por isso, a menor dúvida sobre essas páginas deve nos assustar e nos paralisar. Assim aconteceu comigo e com todas aquelas mulheres russas que, apesar da sua dor nacional vivida, se esforçaram com toda sua alma para se unir a esta celebração, que sem dúvida será o Congresso Internacional das Mulheres em Berlim.

Peço a você, gentil senhora, que transmita às organizadoras do Congresso Internacional das Mulheres minhas mais calorosas saudações e votos de felicidades. Peço que acreditem em minha sincera simpatia por sua atividade e considerem com bondade as razões para cancelar minha viagem a Berlim, o cancelamento não por minha desconfiança em relação às mulheres alemãs, que em várias ocasiões demonstraram sentimentos amistosos para conosco, mas por causa da sensibilidade dolorosa que nasce da dor e da preocupação nacional.”

Anna Filossófova.

As escolhas linguísticas na tradução buscaram evidenciar a nossa percepção em relação ao texto traduzido; desse modo, é importante ressaltar que a escolha de palavras e estruturas linguísticas utilizadas se deu com a finalidade

de evitar possíveis confusões semânticas. Por exemplo, optamos por traduzir a palavra делегатка [dieliegatka] como *representante* ao invés de *delegada*, que era uma das opções de tradução. Além disso, traduzimos a frase Манджурская кампания [Mandjurskaia kampaniia] como *Guerra da Manchúria*. Embora exista a palavra *campanha* em português, ela não traz o mesmo peso semântico da palavra *guerra*, então a traduzimos assim para ressaltar a gravidade que esse evento histórico carregou.

As escolhas tradutórias foram pensadas para manter o conteúdo descrito na carta, em que Filossófova transmite um desabafo, quase como um apelo por empatia em relação ao momento conflituoso vivenciado na Rússia. A guerra causou perdas humanas e econômicas. Na carta ela relata a sua compreensão das condições políticas e sociais da época, revelando uma percepção crítica e reflexiva em relação aos eventos históricos e o ativismo feminista que ocorrem concomitantemente. A análise mais detalhada permite compreender as preocupações específicas de Filossófova sobre o contexto histórico da Guerra da Manchúria, evidenciando como a guerra afetou sua decisão de não comparecer ao Congresso das Mulheres.

Traduzimos a expressão братства народов [bratstva narodov] como *irmandade das nações*, mas poderia ter sido traduzida como *fraternidade dos povos*, já que os dicionários russos consideram *irmandade* e *fraternidade* como sinônimos, assim como em português. A palavra братства [bratstva] deriva de брат [brat], que significa *irmão*, assim como a etimologia da palavra *fraternidade*. Conforme a enciclopédia jurídica da PUCSP, *fraternitas* é uma palavra proveniente do latim, que também significa *irmão*. Contudo, apesar da semelhança, por uma questão de gênero, optamos por traduzir como *irmandade*, já que a carta era destinada para mulheres que Anna Filossófova se referia como irmãs. Já a palavra народов [narodov] foi traduzida como *nação* ao invés de *povos*, pois demos prioridade para termos que pudessem expressar melhor a relação de vocabulário com o gênero feminino. Na palavra Русские [russkie], que significa *russos* no plural do nominativo, que traduzimos como *russas e russos*, incluímos a forma no feminino e masculino para abarcar ambos os gêneros.

O desabafo feito por Filossófova em sua carta, infelizmente, acaba se fazendo atual, pois, quando ela escreve “Minhas dúvidas foram causadas pela

guerra que está acontecendo em meu país, o que é sempre um grande infortúnio para ambas as partes em conflito”, podemos relacionar esse trecho com a questão atual entre a Rússia e Ucrânia. Inicialmente esse impasse foi denominado como *conflito* para amenizar a gravidade que a palavra guerra contém, e o mesmo ocorreu com a Guerra da Manchúria, que foi chamada de *campanha*.

5 Considerações finais

No decorrer deste artigo, buscamos evidenciar que os estudos de tradução com enfoque feminista podem contribuir grandemente para ampliar os debates em torno da tradução de textos de mulheres, contribuindo para o surgimento de uma nova maneira de pensar a tradução e mostrar a importância que possui dentro do processo de resgate e divulgação de textos de mulheres. Isso faz com que a tradução se torne indispensável para que se possa divulgar o ativismo das mulheres na luta por seus direitos. A prática da tradução pode, de fato, ser em uma aliada aos estudos de tradução feministas, no sentido de permitir que as mulheres tenham suas narrativas contadas e reconhecidas.

Após realizar a tradução e a contextualização da carta, podemos perceber que os acontecimentos sucedidos após o registro da carta foram atravessados por diversas mobilizações iniciadas por mulheres. Também é possível perceber que todos esses movimentos foram fundamentais para mudar a conjuntura do país. As greves, motins e revoltas citadas, entre os anos de 1904 e 1905, mostram que a união e o diálogo entre as mulheres foram essenciais para a reivindicação de mudanças. As camponesas, empregadas domésticas, operárias e as mulheres aristocratas tiveram seu protagonismo reconhecido. A participação exaustiva delas resultou em mudanças significativas que deram início aos movimentos de emancipação das mulheres, que posteriormente resultaram no movimento revolucionário russo.

Além disso, podemos perceber que cada grupo de mulheres tinha demandas distintas; isso ocorreu devido às diferenças entre suas classes sociais e suas condições de vida. No entanto, apesar de ter se passado dois séculos, essas diferenças de classe ainda existem e estão presentes nas diferentes vertentes feministas atuais, em que cada uma possui demandas específicas que variam de

acordo com o meio em que as mulheres estão inseridas. A pluralidade de vivências é o que faz com que as vertentes do feminismo tragam discussões que auxiliam no processo de conscientização sobre as diferentes realidades e sobre como essas diferenças podem ser aliadas às lutas, aos debates e às reivindicações para haver mudanças.

Nessa perspectiva, os estudos de tradução feminista apresentam um potencial expressivo para ampliar os debates no âmbito da tradução de textos produzidos por mulheres, empregando uma abordagem feminista que, por sua vez, instiga um novo paradigma de reflexão sobre a prática tradutória. Além disso, o papel da tradução é de suma importância, uma vez que contribui para disseminar teorias feministas e dismantelar a concepção equivocada de que o feminismo é algo prejudicial ou negativo. Muito pelo contrário, o movimento feminista incentiva a solidariedade entre mulheres e busca criar e fortalecer vínculos entre as mulheres.

A tradução assume uma responsabilidade significativa diante das questões sociais, uma vez que se configura como uma ferramenta que viabiliza a compreensão e a informação. Então, é imprescindível ressaltar a importância da tradução para conhecer textos produzidos por mulheres, uma vez que isso representa um ato essencial para a valorização das trajetórias femininas de ativistas que, de alguma maneira, impactaram a vida de outras mulheres. Desse modo, a tradução adquire uma relevância fundamental no processo de resgate e divulgação das práticas feministas na sociedade, tornando-se indispensável para disseminar o ativismo das mulheres na luta por seus direitos e reforçando o movimento feminista.

Referências

BAKER, Mona. *A tradução como um espaço alternativo para a ação política*. Trad. C. Roscoe-Bessa, F. Lamberti; J. A. Rodrigues. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 38, n° 2, p. 339-380. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p339/36483>. Acesso em 10 mai. 2023.

BASSNETT, Susan. "Escrevendo em Terra de Homem Nenhum: Questões de Gênero" - trad. Naylane Matos. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 40, nº 1, p. 456-471, jan-abr, 2020. 467.

CASTRO, Olga; tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? TradTerm, São Paulo, v. 29, 2017, p. 216-250.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura; tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza e Maria Barbara Florez Valdez. *Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução*. Cadernos de Tradução Vol. XLII, Santa Catarina, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. "Sobre tradução e ativismo intelectual" trad. Cibele de Guadalupe Sousa Araújo, Dennys Silva-Reis e Luciana de Mesquita Silva. Revista *Ártemis*, vol. XXVII, nº 1. 2019. p. 25-32. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/46697/27496>. Acesso em: 10 abr. 2023.

EGOROV, Oleg. *Domingo Sangrento, o episódio que transformou Nikolai 2º em inimigo público*. Publicado em 20 de jul de 2020. Revista: *Rússia Beyond*. 2020. Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/82558-domingo-sangrento>. Acesso em 26 de mai de 2023.

ENCICLOPÉDIA JURÍDICA DA PUCSP. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/510/edicao-1/fraternidade->. Acesso em: 9 fev. 2023.

HAAN, Francisca de; DASKALOVA, Krassimira; LOUTFI, Anna. *A biographical dictionary of women's movements and feminisms. Central, Eastern, and South Eastern Europe; 19th and 20th centuries*. USA, 2006, 697p.

MICHALS, Debra. *National Women's History Museum: Mary Church Terrell*. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/mary-church-terrell>. Acesso em: 10 mai. 2023.

RUTHCHILD, Rochelle Goldberg. *Equality and revolution : women's rights in the Russian Empire*. Library of Congress. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2010, 377p.

SCHNEIDER, Graziela. *A revolução das mulheres: emancipação das mulheres na Rússia soviética*, editora: Boitempo. São Paulo, 2017, 276p.

SILVA, Márcia Moura da; LOGUERCIO, Sandra Dias. *Por uma Formação Crítica e Engajada de Tradutores*. Revista *Belas Infiéis*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-24, 2021. Acesso em: 18 abr. 2023.

TRENFO. Marie Stritt, 2022. Disponível em:
<https://www.trenfo.com/en/history/biographies/marie-stritt-4>. [s.i.] [s.d.]
Acesso em: 4 mai. 2023.

Referências em russo

Анна Павловна Философова. Россия, 2010. LiveJornal. [S.I]. Disponível em
<https://ljwanderer.livejournal.com/26083.html>. Acesso em 02 de jun. 2023.

ЛЕОНТЬЕВА, И. Ксения. Гендерные стереотипы, будучи продуктом коллективного сознания, осмысливаются все же исключительно сквозь, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gqM18>. Acesso em: 20 mai. 2023.

История России. Октябрьский манифест. 2019. [S.I]. Disponível em:
<https://historynotes.ru/oktyabrskiy-manifest/>. Acesso em: 26 mai. 2023.

ТЫРКОВА, Ариадна Владимировна. Памяти А.П. Философовой 1937-1912. Петроград, 1915. Disponível em:
<https://viewer.rsl.ru/ru/rslo1004182882?page=499&rotate=0&theme=white>.
Acesso em: 14 jun. 2023.

РИА НОВОСТИ. Русско-японская война 1904-1905 годов. 10 февраля 2014 года исполняется 110 лет со дня начала Русско-японской войны 1904-1905 годов. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://ria.ru/20140209/993683850.html>. Acesso em: 4 set. 2022.

СЕВЕРЮХИН, Дмитрий яковлевич. ФИЛОСОФОВА, Анна Павловна. Энциклопедический словарь. Санкт-Петербург. Disponível em
<http://www.encspb.ru/object/2830278024?lc=ru>. Acesso em 02 de jun. 2023.

Artigo recebido em 28/07/2023 e aceito em 27/11/2023.